

# ONIROPOLÍTICAS

## O sonho transespécie na agenda 2030

ONIROPOLICIES

*The transspecies dream on the 2030 agenda*

**Laura Barcellos Pujol de Souza<sup>1</sup> e Luciano Bedin da Costa<sup>2</sup>**

### Resumo

Este ensaio explora como os sonhos transespécies, interpretados por meio de tecnologias de interface e métodos ficcionais, podem inspirar soluções inovadoras para os desafios da Agenda 2030. Partindo do conceito de oniropolítica, propõe-se que os sonhos de animais, plantas e ecossistemas são ferramentas cruciais para repensar o desenvolvimento sustentável, promovendo uma visão de futuro inclusiva e regenerativa. A oniropolítica expande as fronteiras do diálogo interespécies, oferecendo uma “ecologia da imaginação” para orientar políticas públicas alinhadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), com foco no decrescimento sustentável e na preservação dos limites planetários. Estudos de caso ficcionais, como os sonhos de elefantes, jaguares e anêmonas, revelam a interdependência entre espécies e sugerem práticas de regeneração ecológica baseadas na cooperação e no respeito às perspectivas não-humanas. Este trabalho busca destacar a importância de integrar outras espécies na construção de um futuro.

Palavras-chave: oniropolíticas, sonhos transespécies, decrescimento sustentável.

### Abstract

*This scientific essay explores how transspecies dreams, interpreted through interface technologies and fictional methods, can inspire innovative solutions to the challenges of the 2030 Agenda. Building on the concept of oniropolitics, it is proposed that the dreams of animals, plants, and ecosystems are crucial tools for rethinking sustainable development, promoting an inclusive and regenerative vision of the future. Oniropolitics expands the boundaries of interspecies dialogue, offering an “ecology of imagination” to guide public policies aligned with the Sustainable Development Goals (SDGs), focusing on sustainable degrowth and the preservation of planetary boundaries. Fictional case studies, such as the dreams of elephants, jaguars, and anemones, reveal the interdependence among species and suggest ecological regeneration practices based on cooperation and respect for non-human perspectives. This work seeks to highlight the importance of integrating other species into the construction of the future.*

*Key Words: oniropolitics, transspecies dreams, sustainable degrowth.*

<sup>1</sup> Psicóloga formada pela Universidade Federal de Ciências da Saúde (UFCSA), mestra e doutora em Psicologia Social e Institucional na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPG-PSI UFRGS). Pesquisa e estuda os sonhos na sua intersecção com a arte, filosofia e psicologia social. É idealizadora e editora de O Onírico: o primeiro jornal oniropolítico do Brasil. E-mail: barcelloslaura@gmail.com

<sup>2</sup> Psicólogo, docente da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É coordenador do grupo de pesquisa Políticas do Texto e um dos editores de O Onírico: o primeiro jornal oniropolítico do Brasil. Site: <https://www.ufrgs.br/politicadotexto/> E-mail: bedin.costa@gmail.com

### Introdução

Em 2015, a Assembleia Geral das Nações Unidas adotou a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, estabelecendo um marco essencial para a construção de um futuro mais justo, equilibrado e inclusivo. A Agenda 2030 consiste em 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) que abordam desafios globais interconectados, como a erradicação da pobreza, a promoção da educação de qualidade, a proteção dos ecossistemas terrestres e marinhos, e a ação contra a mudança global do clima. No entanto, à medida que nos aproximamos do prazo estabelecido, torna-se claro que alcançar esses objetivos exigirá uma mudança profunda na forma como percebemos o desenvolvimento e a relação entre as espécies que habitam o planeta.

É nesse contexto que o conceito de oniropolítica e a ideia de sonhos transespécies se apresentam como novas abordagens metodológicas e filosóficas. A oniropolítica que queremos defender parte da premissa de que os sonhos não são apenas experiências humanas, mas interações oníricas que atravessam fronteiras de espécie, estabelecendo diálogos entre o humano e o mais-que-humano. Ao examinar e incorporar os sonhos de outras espécies como uma lente para repensar o desenvolvimento sustentável, podemos criar uma abordagem que reflita mais fielmente o papel de cada ser na manutenção do equilíbrio planetário. Esse conceito aponta para uma inclusão ética e simbólica, onde os sonhos de animais, plantas e ecossistemas orientam políticas e práticas que valorizam a interdependência da vida.

Uma reflexão sobre o decrescimento sustentável surge então como uma alternativa poderosa. O decrescimento propõe uma redução controlada do consumo e da produção, considerando os limites ecológicos. Ao buscar inspiração nos sonhos de outras espécies, podemos perceber uma visão de sustentabilidade que não é baseada em crescimento exponencial e exploração, mas em cooperação, regeneração e respeito pelo tempo e pelos ciclos naturais. Nessa perspectiva, os sonhos transespécies nos revelam caminhos de coexistência onde o progresso humano é redefinido para se alinhar às necessidades e ritmos dos ecossistemas.

A importância de uma abordagem transespécies para o desenvolvimento sustentável reside no fato de que a crise ambiental não afeta apenas os seres humanos, mas todas as formas de vida. Ao incluir outras espécies na reflexão sobre o futuro, ampliamos nossa percepção do que significa “prosperidade” para o planeta como um todo. Os sonhos, como veículos para essas interações, oferecem uma linguagem compartilhada — uma “ecologia da imaginação” — que transcende a fala e permite uma comunicação profunda sobre o estado dos ecossistemas e os caminhos possíveis para sua regeneração.

Este ensaio explora como os sonhos transespécies, ao serem interpretados através de tecnologias de interface e métodos ficcionais, podem inspirar soluções inovadoras para os ODS, enfatizando uma abordagem inclusiva e regenerativa. A oniropolítica, ao conectar os sonhos e as necessidades oníricas de diversas espécies, propõe um futuro onde desenvolvimento e equilíbrio ecológico são indissociáveis.

### Oniropolíticas

Oniropolítica é um termo recentemente concebido, embora remonte a um longo histórico de estudos acerca dos sonhos em diferentes tradições culturais e de pensamento. No caso das oniropolíticas, olhamos para os sonhos como manifestação coletiva, como uma expressão cultural, abarcando não apenas o conteúdo dos sonhos, mas os modos/maneiras de sonhar. A conferência “O sonho e o despertar em Freud e Benjamin:

a onipolítica em construção”, evento organizado pelos grupos PSOPOL (USP) e NUPPEC (UFRGS) e realizado em setembro de 2019, teve como intuito discutir a construção do conceito de onipolíticas e seus desdobramentos. Neste evento, que demarca uma abertura deste território de estudos, a psicanalista e professora Rose Gurski relata que Christian Dunker cunhou o termo “oniricopolítica” em uma conversa informal, na qual o grupo conversava sobre como articular psicanálise, sonhos e política. Temos aí uma primeira pista sobre o conceito.

Voltando um tanto no tempo para rastrear a origem do termo, chegamos às ideias iniciadas pelo filósofo Artemidoro de Daldis na obra de cinco volumes chamada *Oneirokritika* de Artemidoro de Daldis (século II D.C.). *Oneirokritika* é o nome dado ao conjunto de cinco livros de análise de sonhos. Na apresentação da obra, é indicado o propósito “comunicativo, técnico-instrucional, com alegada base empírica, acerca da linguagem dos sonhos, e destinado a um intérprete profissional ou estudioso interessado em extrair presságios dos relatos de sonhos” (Ferreira, 2014, p.12).

As cinco obras são totalmente dedicadas ao sonho. O livro V, *Livros de Análises de Sonhos*, traduzido diretamente do grego para o português no ano de 2004, apresenta uma coleção de 95 sonhos recolhidos durante festividades na Grécia, Ásia e Itália e são dedicados ao filho do filósofo “como aconteceram, sem palco nem tragédia”. De Daldis define os “sonhos de presságio”, dignos de interpretação, como “alegóricos”. Neste gênero, se destacam “elementos retóricos orientados pelos parâmetros analíticos denominados *stoikheia*: natureza, costume, lei, nome, ofício e tempo; todos intimamente ligados aos indivíduos que têm os seus sonhos relatados” (Ferreira, 2014, p.13). O Livro V contém 95 relatos oníricos que podem ser uma fonte de pesquisa sobre anseios e desejos da população, explicitados pelos fatos associados aos sonhos coletados, como no sonho enumerado como 69:

Um sujeito, vivendo em Roma, sonhou que voava ao redor da cidade perto dos telhados e que, por um lado, exaltava sua perícia em voar, por outro, era admirado por todos os que estavam olhando, mas que, por uma dor e irritação do coração, parou de voar e, por vergonha, sumiu de vista. Era um homem admirável, um excelente adivinho, também proeminente; enquanto viveu na cidade, ganhou muito dinheiro com isso, e foi admirado. Não aproveitou, absolutamente, nem da mântica, nem do dinheiro, pois a mulher deixou de amá-lo e o traiu, de modo que, por vergonha, expatriou-se (Ferreira, 2014, p. 98).

Traçando uma tentativa de investigar a função coletiva do sonho e do sonhar contemporâneos, a onipolítica reúne esforços para pensar os efeitos do trabalho com os sonhos a partir de diferentes vertentes de pensamento. Por isso, penso que é importante demarcarmos “onipolíticas” no plural, para abarcar uma diversidade que é própria desse campo de estudos. Lançamos um olhar sobre os rastros oníricos de nosso tempo, com uma atenção para as reverberações que os acontecimentos políticos e sociais deixam no sonho e no sonhar, como a pandemia de covid-19:

A ênfase da onipolítica não recai exclusivamente sobre a dimensão terapêutica do sonho, nem tampouco sobre a proposta de construir noções específicas de uma biografia ou mesmo da psicopatologia do sujeito; trata-se, principalmente, de pensar na função coletiva do sonho e do sonhar. (Dunker et al., 2021, p. 18)

Em uma entrevista concedida acerca das pesquisas coordenadas por ele nesse campo, Dunker (2020) assinala a hipótese que “as pessoas estão sonhando mais ou pelo menos lembrando mais de seus sonhos como um esforço para nomear esta nova realidade que se impõe, feita de contrariedades e perdas, de medos e angústias, de restrições de mobilidade e aguçamento de conflitos políticos”. Ainda que não se possa confirmar se estamos sonhando mais ou menos de um modo geral, a onipolítica traça uma tentativa lançar um olhar sobre a relação entre os acontecimentos políticos, econômicos, sociais; e como estes respingam, reverberam, se atualizam no sonho noturno dos sujeitos, na dimensão produtiva dos sonhos. Seria uma tentativa de, como aponta Didi-Huberman (2015, p. 110), “alargar, abrir a história a novos modelos de temporalidade: modelos capazes de fazer justiça aos anacronismos da própria memória”.

Na discussão acerca das onipolíticas, uma inspiração é o trabalho da jornalista Charlotte Beradt, pesquisadora de origem judaica que sobreviveu ao nazismo, e que organizou a obra *Sonhos no Terceiro Reich*: com o que sonhavam os alemães depois da ascensão de Hitler, lançado no Brasil em 2017. O livro é resultado de uma pesquisa na qual a autora compilou sonhos de cidadãos alemães recolhidos durante o período de 1933 e 1939. O livro é descrito como um documento histórico que reflete o tempo no qual os sonhos são produzidos: o regime totalitário hitlerista na Alemanha. Ela escreve: “nossos sonhos não se ocupam com conflitos no âmbito privado, muito menos com aqueles do passado (...), mas sim com conflitos conduzidos no espaço público” (Beradt, 2017, p. 39), como neste sonho relatado por um médico alemão em 1934, após passar um ano sob o III Reich:

Perto das nove da noite, depois de minhas consultas, quando quero me esticar calmamente no sofá com um livro sobre Matthias Grünewald, minha sala e meu apartamento ficam de repente sem paredes. Olho apavorado ao meu redor e, até onde meus olhos conseguem alcançar, os apartamentos estão todos sem paredes. Ouço gritarem em um megafone: ‘de acordo com o edital sobre eliminação de paredes, datado do dia 17 deste mês...’ (Beradt, 2017, p. 43-44).

Os sonhos recolhidos por Charlotte estão situados naquele tempo, são sonhos localizados no momento político que envolve os sonhadores. Nenhuma fachada ou disfarce oculta seu conteúdo, as alegorias não remetem a processos individuais, mas a “fenômenos político-psicológicos diretamente relacionados à sua existência - aqueles dias durante a tomada de poder” (Beradt, 2017, p. 31). Durante a pandemia, os projetos que recolheram sonhos também refletem a realidade daquele momento, experimentada no sonho como pesadelos com o vírus, com situações em que o sonhador esquece de usar a máscara, com o isolamento social, com o medo da contaminação, com o luto e o medo da morte.

No livro *Sonhos Confinados*: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia (2021), o artigo “Políticos: Sonhos como apresentação perspectiva na pandemia” elenca três categorias de sonhos localizados naquele tempo. A primeira série de narrativas oníricas, segundo os pesquisadores, tematiza os embates acerca das estratégias de tratamento para a crise na saúde pública e o desamparo da população diante das posições contraditórias dos dirigentes. A segunda série de relatos reúne sonhos relacionados à polarização política entre os campos progressista e conservador. Já um terceiro grupo elenca relatos que refletem uma tentativa de solucionar, nos sonhos, os conflitos com as figuras políticas, ou ao menos manifestar as insatisfações com as decisões da classe política com relação à gestão da pandemia (Dunker et al., 2021, p. 195-220).

O estudo dos sonhos tem se proliferado no Brasil, tanto na pesquisa acadêmica como em projetos artísticos. Principalmente durante a pandemia, formaram-se grupos de pesquisa voltados a estudar seus efeitos nos sonhos. Rastreando pesquisas e projetos, institucionais ou não, é possível encontrar diferentes abordagens e perspectivas no horizonte das oniropolíticas, além de projetos descentralizados realizados no campo da arte.

Anterior à pandemia, podemos citar o sonhário virtual do Projeto Morphonautas, do Laboratório de Extensão e Pesquisa em Psicanálise e Arte (LEXPORTE) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). O professor Fábio Dal Molin explica que “a narrativa do sonho em Freud traz à tona a potência do inconsciente como ato criativo, e Morphonautas é um projeto de exercício de escrita do sonho mais como usina de textos do que interpretação”. No sonhário virtual, cada relato inicia com a frase de abertura “eu vi um sonho assim”, que é o caractere japonês que aparece no início de cada vinheta do filme *Sonhos*, de Akira Kurosawa (1990), e finaliza com “então eu abri meus olhos e despertei”.

No campo da arte, o projeto *Essa Noite* é um produto cultural resultado de um laboratório de criação organizado por Anelise De Carli, Gabriel Borsatto e Maria Galant junto a outras artistas convidadas. Inscrito na Rede Covid-19 Humanidades do Ministério de Ciência e Tecnologia (MCTI), fez parte dos projetos que produziram pesquisas qualitativas para analisar os impactos do vírus e as implicações científicas, tecnológicas, sociais, políticas, históricas e culturais da pandemia. Segundo a descrição do projeto, *Essa Noite* foi elaborado a partir das experiências oníricas vividas pelos artistas e por voluntários anônimos durante o período de isolamento ou distanciamento social, investigando, ao longo de três meses, formas de explorar a linguagem dos sonhos. Os artistas elaboraram um sonhário e um diário e trabalharam com relatos de sonhos de pessoas que contribuíram anonimamente para o projeto “*Sonhos da Quarentena*” da pesquisadora Anelise De Carli.

Dentre projetos que coletaram sonhos durante a pandemia, destaco também o *Pandemic Dream Archive*, que reuniu mais de 500 relatos oníricos, disponibilizando-os para o público através de um site. A coleção de sonhos permitiu aos pesquisadores uma cartografia onírica, mapeando palavras e estudando a recorrência de temas. Uma segunda investida da proposta foi a construção de um algoritmo chamado MacUnA (Machinic Unconscious Algorithm 1.0) ou Algoritmo do Inconsciente Maquínico 1.0. O algoritmo constroi, a partir das narrativas oníricas armazenadas, uma outra narrativa, gerada pela máquina. O MacUnA é acessível em um grupo de Telegram, e responde ao comando /dream ou /sonho, entregando um sonho para o participante. Segundo os criadores do projeto, “o nome é um acrônimo que faz referência a Macunaíma, o herói sem nenhum caráter de Mário de Andrade que, em uma passagem do livro, se dá conta de que tudo é máquina” (Borges, et al., 2021, p. 211).

A vida onírica produz testemunhos de um tempo, nos ajudando também a problematizar e dar relevo a conflitos da esfera pública e como estes afetam as narrativas encontradas nos sonhos. O sonho, pensado sob o conceito de oniropolíticas e inspirado no trabalho de Charlotte Beradt, é articulado como uma produção que reside entre o sujeito e o social. Como um documento psíquico de um tempo, os sonhos funcionam como um sismógrafo íntimo da história, e o território onírico se apresenta como “uma forma singular de resistir ao poder da tirania da época” (Dunker et al., 2021, p. 19).

No quadro conceitual das oniropolíticas, pode-se citar o jornal de periodicidade anual intitulado *O Onírico* - o primeiro jornal oniropolítico do Brasil, um periódico de sonhos, política e psicologia social. Coordenado e editado através de um projeto de extensão do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional (PPGSI-

UFRGS), em Porto Alegre, ele vem sendo distribuído de forma gratuita desde o ano de 2021. As edições buscam registrar e retratar o momento histórico do país através de rastros oníricos compartilhados por colaboradoras(es), e o conteúdo é apresentado a cada edição enquanto notícias oníricas, colunas, matérias, etc. Em um trabalho de conclusão de curso que se propõe a analisar *O Onírico* como fonte documental de um tempo, a autora aponta que durante a pandemia e os eventos políticos que se sucediam no ano de 2021 no Brasil, “a experiência do autoritarismo passou a fazer parte da estrutura psíquica dos sonhadores que não podiam fugir nem em sonho de um mundo em conflito” (Resende, 2023, p. 16). Um dos sonhos que figuram na edição II do jornal, no *Noticiário Oniropolítico*, trata-se de um relato em que um grupo de mulheres se reúne para jogar barro em estátua do presidente no centro de Porto Alegre (*O Onírico* II -a paranoia delirante, 2021, pág. 4), onde mulheres jogavam barro na estátua do ex-presidente do Brasil. A historiadora analisa que com este sonho pode-se perceber que um “ato de rebeldia reverbera como possibilidade de lidar com aquele momento de insatisfação”

Este projeto se associa também ao *Vida onírica, sociedade e Pandemia da Covid-19: uma sociologia dos sonhos (pós-pandêmicos)* no Brasil Meridional, projeto de pesquisa do Grupo de Estudos em Cultura, Comunicação e Arte-Sul (GECCA-Sul/CNPq). Esta pesquisa pretende demonstrar as articulações entre a dimensão subjetiva da vida, particularmente a onírica, e um conjunto de atravessamentos sociais, como pertencimento socioeconômico, gênero e raça no período pós-pandêmico, especialmente no Brasil Meridional. A partir da coleta de dados empíricos, descrição estatística e interpretação sociológica, o projeto busca demonstrar não somente a viabilidade, mas o potencial analítico de uma sociologia dos sonhos.

Os projetos citados têm em comum a criação de dispositivos de escuta e compartilhamento de sonhos, se articulando com um desejo coletivo de fomento da pesquisa, estudo e criação artística em torno do sonho e do sonhar. Assumindo um posicionamento ético-estético e político, tratam-se de tentativas de fomentar a imaginação política através de uma experiência comum e compartilhada, colocando, desse modo, em evidência as narrativas e modos de sonhar contemporâneos. A dimensão política do sonhar está também em torná-lo uma experiência compartilhada, para que os sonhos possam ser colocados em uma relação dialética com o nosso tempo e os problemas que deles emergem. A pergunta “em nome do que” elaborada por Agamben em “*O Fogo e o Relato*” (2018, p.91), se colocada no vórtice temático aqui proposto, poderia vir a se tornar: em nome do quê os sonhos estão falando?

### ***Sonhos Transespécies: um conceito emergente***

O sonho oferece, a cada noite, a possibilidade de leitura do mundo a partir de um ponto de vista singular. É como se, ao sonhar, convergisse um espaço temporário onde um mundo encosta em outro e, assim, imagens passam de um lado a outro. O sonho como uma experiência compartilhada e coletiva, pelo viés da filosofia da diferença, nos permite pensar em termos não de inatismo, hereditariedade e filiações, mas de contágios. Assim considerando, desejamos admitir e estudar os sonhos em participação nos agenciamentos coletivos em anúncio, na compreensão de nosso passado, nosso presente e futuro. Futuros estes já presentes nas narrativas de antecipação encontradas nas produções oníricas coletivas. A potência das imagens e narrativas que emergem dos sonhos fornecem ferramentas poderosas para compreender e atuar nas complexas lutas do nosso tempo.

A ideia de agenciamentos coletivos de anúncio é um jogo de palavras com o conceito de agenciamento coletivo de enunciação, descrito por Deleuze e Guattari no *Anti-Édipo* e, principalmente, no volume 2 do *Mil Platôs - Capitalismo e esquizofrenia* (2011). Anúncio por tratar do porvir, derivando do termo “antecipação” empregado por Ursula K. Le Guin nas narrativas ambientadas no futuro. Este termo foi resgatado também por Vinciane Despret, que o utiliza como inspiração para o livro *Autobiografia de um polvo e outras narrativas de antecipação*, publicado no Brasil em 2022.

Os ciclos de escuridão e claridade estão profundamente relacionados com os estados de vigília e sono, e são fundantes para o sonhar. “A noite é o dia de tudo que não possui um corpo físico. E é nesse universo repleto de tantos outros, quando a noite cai para o corpo, que a imagem entra nesse mundo de alteridade, ficando mais vulnerável” (Limulja, 2022, p.67). Entranhado na experiência e no mundo, o sonho emerge do campo de possibilidades, do espaço liso, aberto e sem hierarquia onde diferenças e multiplicidades se desdobram. Não parece ser preexistente às coisas do mundo, mas coextensivo a elas, constituindo e instituindo um solo comum no qual eventos e singularidades ocorrem. O sonho, enquanto experiência terrestre e compartilhada entre humanos e não-humanos, nos aproxima e cria elos.

A ciência diz que, lembrando ou não, uma pessoa sonha em média cerca de 3 a 5 sonhos por noite. Ao acordar, a memória que o sonho deixa seria como a flor encontrada na mão - um rastro que indica que aquela experiência ocorreu. Tal como uma sensação, imagem fragmentada, uma imagem-tátil. Mas se ignorarmos a flor ou esquecermos o sonho, será que ela existe tanto (para nós)? Em *As Existências Mínimas* (Lapoujade, 2017), encontramos uma afirmação que assevera que “a melhor maneira de solapar uma existência é fazer de conta que ela não tem nenhuma realidade” (2017, p. 91). Ao discorrer sobre o que torna algo real, o filósofo David Lapoujade sustenta que “fazer existir é sempre fazer existir contra uma ignorância ou um desprezo” (2017, p.91), pois “criar é antes de tudo testemunhar” (2017, p.93). Assumindo esse ponto de vista, sonhar seria testemunhar e relatar o sonho, advogar em prol de sua existência, tornando mais real aquilo que existe (o próprio sonho). O compartilhamento das experiências oníricas tem uma função de trazer, segundo Krenak, “conexões do mundo dos sonhos para o amanhecer, apresentá-los aos seus convivas e transformar isso, na hora, em matéria intangível” (Krenak, 2021, p. 37-38).

“Os sonhos viajam pela boca”, lembrou o antropólogo Tobie Nathan (2012, p. 162). E se viajam pela boca, por que meios mais os sonhos viajam e se proliferam? Pois sem se proliferar, “as experiências oníricas ficariam à deriva, vagando por um mar de imagens sem um porto onde pudessem atracar” (Limulja, 2022, p. 112). Esse porto onde as imagens oníricas atracam é o próprio corpo em relação. O sonho, para os povos yanomamis, interfere diretamente na realidade da vigília, assim como a vigília também interfere nos sonhos. Não seriam realidades paralelas, mas “formas de acessar um mundo que só pode ser plenamente compreendido a partir dessas duas perspectivas, a saber, a do corpo durante o dia e a da imagem durante a noite” (Limulja, 2022, p. 69).

“Humano chegou ao abismo do mar profundo: Cientistas encontram camada de microplástico no fundo do mar”; “Cachalote é encontrada morta e causa mortis é devida ao excesso de lixo em seu estômago.” Antropoceno. Degradação do ambiente marinho por influência humana - o momento derradeiro de quando o microplástico encontra com a diatomácea. A que ponto chegamos? Segundo a ciência, ao fundo do mar e ao espaço - ambos repletos de rastros do lixo humano e resíduo civilizatório - literalmente.

O sonho e o sonhar não são privilégios dos animais humanos - quase todas as espécies animais são capazes de sonhar - os mamíferos, as aves, os répteis; golfinhos e espécies de peixes - animais marinhos tais como o polvo e seres abissais [dos confins]

do planeta Terra. O neurocientista Sidarta Ribeiro propõe, ainda, que dinossauros também, provavelmente, sonhavam, uma vez que estes são os “ancestrais” das aves, répteis, animais marinhos (Ribeiro, 2019, p. 204). O filósofo Emanuele Coccia (2018) problematiza não só o especismo, que coloca os seres humanos em uma posição de superioridade em relação a outros animais que não o animal-humano, como também o “animalismo”, que relega as plantas a um “status” de quase não existentes.

Mas parece que ninguém jamais quis contestar a superioridade da vida animal sobre a vida vegetal e o direito de vida e de morte da primeira sobre a segunda: vida sem personalidade e sem dignidade, esta não merece nenhuma empatia benevolente nem o exercício do moralismo que os seres vivos superiores conseguem mobilizar. Nosso chauvinismo animalista se recusa a ir além de “uma linguagem de animais que não se presta ao relato de uma verdade vegetal”. Nesse sentido, o animalismo antiespecista não passa de um antropocentrismo que interiorizou o darwinismo estendendo o narcisismo humano ao reino animal (Coccia, 2018, p.12).

E as plantas, somos cegos a elas. Como operação de imaginação e pensamento, podemos pensar, assim, no sonho dos animais - não apenas os mamíferos, mas quaisquer animais, estes, os invertebrados, que parecem mais ser tratados como plantas. Ao conversar com um colega do grupo de pesquisa, biólogo, ele me lançou uma pergunta, uma provocação: e se as anêmonas estiverem sempre dormindo - em vez de sempre acordadas? O sonho nunca desapareceu até hoje. Ainda sonhamos, afinal. Para garantir o seu não desaparecimento, o sonho sobrevive através dos tempos. E se dinossauros também sonhavam - será que sonharam conosco? Sonharam com prédios e imagens estranhas que não podiam compreender? E se formos um sonho dos dinossauros?

Não se trata mais de graduar semelhanças, e de chegar em última instância a uma identificação do Homem e do Animal no seio de uma participação mística. Trata-se de ordenar as diferenças para chegar a uma correspondência das relações, pois o animal, por sua vez, distribui-se segundo relações diferenciais ou oposições distintivas de espécies; e, da mesma forma, o homem, segundo os grupos considerados (Deleuze; Guattari, 1997, p. 13-14).

Em *Ficar com o Problema* (2023), Donna Haraway afirma uma posição quando diz que está “em busca de histórias que são também fabulações especulativas e especulações realistas”. Na ciência ficcional elaborada por Vinciane Despret, ela aponta, já no prefácio de *Autobiografia de um polvo e outras narrativas de antecipação*, a “necessidade imperiosa de romper com o privilégio do visível” (Despret, 2022, p.48). Elaborado como um relatório de pesquisa passada no futuro, a autora propõe uma reflexão acerca do não reconhecimento de outras formas de expressividade encontradas na natureza, chamando essas áreas de conhecimento como Therolinguística e Theroarquitetura - termos derivados do grego thèr- animal selvagem, fera. Enquanto a Therolinguística designa o ramo da linguística voltado ao estudo e à tradução das produções escritas por animais e plantas, a Theroarquitetura refere-se à arquitetura do reino selvagem, às construções do reino animal, considerando não apenas os habitats, mas também as distintas estruturas por eles criados (caminhos, rotas de migração, etc) (Despret, 2022).

Uma das barreiras para chegarmos a essas áreas de conhecimento seria a primazia do visível, que só reconhece como existente aquilo que pode ser visto e tocado. Desse modo, os polvos, por exemplo, são animais que são hoje reconhecidamente

sonhadores em função das alterações de cores que ocorrem em seu corpo durante o período de quietude temporária (sono). Fico com a imagem de um corpo mudando de cor ao dormir como prova de atividade onírica.

Assim, o ato de sonhar se revela não apenas como uma atividade individual, mas como uma maquinaria coletiva de produção de significados e de potenciais transformações, capaz de nos conectar com as profundezas e superfícies do tempo e com os horizontes do porvir. Ler, ouvir, acompanhar sonhos como uma forma de formular, fabular e compreender desejos e preocupações coletivas. Penso em Krenak (2021), na maneira como nos convida à partilha do mundo onírico, no sonho enquanto uma instituição educativa:

O tipo de sonho a que eu me refiro é uma instituição. Uma instituição que admite sonhadores. Onde as pessoas aprendem diferentes linguagens, se apropriam de recursos para dar conta de si e do seu entorno. [...] Os sonhos de alguém que está hoje preocupado com cataclismas, com a tragédia ambiental do planeta, podem ser mais parecidos com os de um pajé Xavante (Krenak, 2021, p. 34-35).

Os relatos oníricos trazem questões latentes como as guerras ao redor do mundo, os “desastres” globais que são resultado do colapso climático somado ao negativismo científico, às polarizações políticas e à ascensão de governos de extrema direita, ao racismo estrutural e ao entranhado nas instituições, ao apagamento epistemológico e histórico dos povos originários, aos cenários de violência nas cidades ao redor do país, etc.

### **Relatórios de pesquisas futuras através dos sonhos de não-humanos**

#### **Relatório Futurológico de Pesquisas Oniropolíticas: Relatos dos Sonhos de Não-Humanos - Ano 2030**

Data: 17 de dezembro de 2030

Localização: Centro Internacional de Pesquisas Oniropolíticas Transespécies (CIPOT), Setor de Inovação Ecológica

Na aurora do ano de 2030, as fronteiras do conhecimento se expandiram além do imaginável. Com o auxílio das mais avançadas tecnologias de interface neural, foi possível registrar e interpretar os sonhos de uma variedade de seres não-humanos. Os resultados dessas pesquisas trouxeram contribuições inestimáveis para o desenvolvimento sustentável global e forneceram novas direções para as políticas públicas que visam integrar o humano ao mais-que-humano. Este relatório narra os principais achados oníricos dos animais e seres estudados, e o impacto que esses sonhos tiveram nas diretrizes de sustentabilidade da Agenda 2030.

#### **I. Sonho de uma Elefanta Matriarca – Reserva de Tsavo, Quênia**

*A Terra seca respira embaixo de minhas patas, o eco das trombetas distantes me chamam. Um rio flui dentro de mim e eu o sigo. O céu responde, as nuvens se abrem e a água cai. Eu vejo os ancestrais pisando firme na terra, refazendo os caminhos antigos. Caminhamos juntos, nossos corpos moldam o curso do rio, traçamos seu caminho novo. Desse rio, novos pastos crescem.*

Interpretação: O sonho da elefanta revelou uma visão de restauração ecológica. Após o registro desse sonho, uma nova metodologia de restauração fluvial foi aplicada em

áreas desérticas da África, utilizando elefantes como agentes de recuperação de bacias hidrográficas. O projeto, chamado “Caminhos de Água”, inspirou-se na visão onírica da elefanta para traçar novos cursos de rios em desertos, ampliando o acesso à água potável e regenerando áreas devastadas pela seca.

#### **II. A Floresta Sonhada pelo Jaguar – Floresta Amazônica, Brasil**

*Há um silêncio verde que engole o tempo. Corro sem peso, com os olhos fechados. O chão move-se sob minhas patas, as árvores sussurram meus nomes antigos. No coração da floresta, eu espero. A floresta me abraça, tece sua pele em mim, e juntos, caminhamos por um mundo onde os caçadores não existem. Há apenas floresta e eu.*

Interpretação: O sonho do jaguar trouxe uma nova percepção sobre a proteção de territórios naturais. Em resposta a essa visão, surgiu o projeto “Passos Invisíveis”, que criou corredores ecológicos para grandes predadores e outras espécies ameaçadas na Amazônia. Esses corredores permitiram que as populações de animais selvagens se deslocassem livremente por grandes extensões de floresta, sem serem perturbados pela presença humana ou pela destruição causada pelo desmatamento.

#### **III. O Enigma dos Corvos – Montanhas Rochosas, Canadá**

*O céu abre suas garras. Voamos baixo, pairamos sobre o mundo. Em nossos olhos, mil espelhos refletem o que foi, o que é, e o que será. O vento sussurra um segredo de ossos, terra e fogo. Lá embaixo, os humanos não escutam. O mundo se parte em rachaduras invisíveis, mas nós sabemos. Há uma árvore escondida na rachadura, e dela brota uma sombra, um aviso.*

Interpretação: O sonho dos corvos foi interpretado como uma advertência sobre mudanças geológicas iminentes, que podem afetar comunidades humanas e ecossistemas vulneráveis. Esse insight onírico gerou a implementação do programa “Sentinelas do Céu”, que monitora as alterações climáticas e sísmicas em áreas montanhosas através de um sistema de alerta baseado no comportamento das aves. Da mesma forma, a contaminação luminosa foi reduzida drasticamente, preservando a rota de migração de muitas espécies de pássaros e morcegos.

#### **IV. O Labirinto dos Ratos – Centro de Neurociência, MIT, EUA**

*O caminho é longo, mas eu lembro. Minhas patas percorrem o chão frio. Há um cheiro familiar no ar, um som distante que guia meus passos. Viro à esquerda, depois à direita. Lá está ele: o prêmio. Sinto a vitória em minhas patas antes mesmo de alcançá-lo. O labirinto desaparece, mas o prêmio está comigo. Eu corro de novo.*

Interpretação: Pesquisas neurocientíficas realizadas no MIT por Matthew Wilson revelaram que, durante o sono REM, os ratos reencenam os percursos que fazem durante o dia em labirintos. Suas atividades cerebrais são tão vívidas que correspondem ao exato percurso percorrido no estado desperto. Este insight permitiu que cientistas aplicassem essas descobertas no estudo do comportamento adaptativo dos ratos em ambientes urbanos, onde eles navegam com eficiência por esgotos e sistemas complexos. Inspirado pelos sonhos dos ratos, o programa “Cidades Inteligentes para Não-Humanos” foi implementado em áreas urbanas densamente povoadas. Nele, infraestruturas como sistemas de irrigação e esgoto foram redesenhadas para considerar os padrões oníricos dos ratos, otimizando fluxos e prevenindo a contaminação ambiental causada por resíduos.

## V. Os Códigos dos Tentilhões-Zebra – Estação de Pesquisa de Ornitologia, Austrália

*As notas da canção me seguem. Durante o dia, eu canto; à noite, a melodia ecoa em meus sonhos. Minhas asas batem no ritmo. As árvores, o vento, os outros pássaros... Todos escutam a mesma canção. Na noite, eu ensaio, para que o dia chegue afinado, para que os novos filhotes aprendam. A música nunca termina.*

Interpretação: Pesquisas realizadas com tentilhões-zebra revelaram que, durante o sono REM, essas aves “repetem” as mesmas canções que entoam durante o dia. Isso sugere que os sonhos dos pássaros desempenham um papel crucial no aprendizado de novas melodias, ajudando-os a aperfeiçoar suas habilidades de canto. A partir dessa descoberta, o projeto “Harmonia Selvagem” foi desenvolvido para monitorar a biodiversidade sonora nas florestas tropicais. O comportamento onírico dos tentilhões permitiu o desenvolvimento de sensores acústicos que ajudam a mapear a saúde ecológica das áreas preservadas, alertando para desequilíbrios ou perda de biodiversidade.

### **Relatório Oniropolítico de 2035: Convenção das Anêmonas e sonhos abissais**

Data: 21 de outubro de 2035

Local: Estação Submarina Neptuno, Fossa das Marianas

Evento: Convenção das Anêmonas – Coletânea de Sonhos das Criaturas Abissais

Na extraordinária profundidade das fossas oceânicas, um novo capítulo na pesquisa oniropolítica foi inaugurado com a Convenção das Anêmonas, um encontro científico sem precedentes dedicado a decifrar os sonhos dessas misteriosas criaturas marinhas. Organizada pela Estação Submarina Neptuno, a convenção reuniu biólogos marinhos, neurocientistas e ecologistas, que uniram suas forças para explorar os sonhos das anêmonas – seres antigos, enraizados nas profundezas do oceano, cujos padrões de comportamento, até então, eram mal compreendidos. Utilizando uma nova tecnologia de leitura neural bio-simbiótica, os pesquisadores conseguiram “ouvir” os relatos oníricos das anêmonas, revelando uma visão fascinante das forças ocultas que moldam as profundezas marinhas.

#### I. O Silêncio da Rocha Viva – Anêmona Calcária da Grande Barreira Submarina

*Não há som aqui. As rochas falam, mas ninguém escuta. Eu sou antiga. Eu lembro de um tempo em que o mar era mais quente, mais leve. A água ao meu redor é densa agora, cheia de ecos que não eram antes. As rochas choram, mas o som nunca sobe. Eu lembro de outros tempos, quando o sol alcançava, mas agora, apenas sombras. As correntes frias carregam lembranças de coisas mortas.*

Interpretação: Esse sonho revelou uma percepção profunda das mudanças climáticas oceânicas, com base nas memórias ecológicas de eras passadas armazenadas nas formações calcárias das anêmonas. As anêmonas calcárias mostraram uma capacidade única de “sentir” a acidez do oceano e as mudanças de temperatura, associando essas sensações com memórias passadas de épocas em que as condições oceânicas eram radicalmente diferentes. Com base nesse insight, foi criado o projeto “Biblioteca Viva dos Corais”, no qual as anêmonas calcárias servem como arquivos biológicos das mudanças ambientais ao longo de milênios. As análises de seus padrões de crescimento e resposta ao ambiente oferecem dados cruciais para o entendimento das mudanças climáticas e a preservação dos recifes de coral ameaçados pela acidificação dos oceanos.

## II. O Enigma dos Polvos – Instituto de Biologia Marinha, Universidade de Stanford, EUA

*Flutuo pelas águas. Meus braços se estendem para o horizonte. Vejo o caranguejo. Ele corre, mas sou mais rápido. Mudo de cor, me camufla na areia. A corrente me leva, mas continuo em controle. Meu corpo desaparece nas sombras, e, de repente, sou parte do mar.*

Estudos conduzidos pelo neurocientista Philippe Mourrain sugerem que os polvos experimentam algo semelhante ao sono REM, durante o qual exibem mudanças dramáticas de cor e padrão em seus corpos. A hipótese é que, nesses momentos, eles revivem experiências de caça ou navegação. Com base nesse conhecimento, o projeto “Códigos Cromáticos do Oceano” foi iniciado, usando a habilidade de camuflagem onírica dos polvos como uma nova forma de prever padrões de corrente e fluxo de água no oceano. Os cientistas agora monitoram as mudanças de cor durante o sono dos polvos para prever migrações de cardumes e mudanças climáticas marinhas.

#### III. O Cântico dos Golfinhos – Arquipélago de Galápagos

*Há sons no fundo do azul, e no profundo do azul, dançamos. Cantamos a linguagem do mar, ela não pertence a nós, mas passa por nós, escorre em nossas bocas e explode como ondas. Há vozes antigas, baleias que murmuram conselhos, corais que pedem silêncio. O oceano sonha, e nele, todos nós sonhamos. As ilhas se movem e crescem, novas formas nascem no fundo das águas.*

A investigação dos sonhos dos golfinhos revelou uma comunicação profunda entre as espécies marinhas, sugerindo um código onírico ecológico compartilhado. Inspirados por essa visão, cientistas marinhos desenvolveram sensores acústicos baseados no padrão de ondas cerebrais dos golfinhos para monitorar o estado de saúde dos recifes de coral. O projeto “Vozes Submersas” gerou dados sobre o equilíbrio biológico dos oceanos, auxiliando na proteção das zonas de recife ameaçadas.

### **Relatório Oniropolítico de 2035: Verdades Vegetais – Relatos Oníricos de Plantas e Sabedorias da Terra**

Data: 15 de julho de 2035

Local: Instituto Botânico Internacional, Floresta Amazônica

Evento: Convenção Oniropolítica sobre Verdades Vegetais – Decodificando os Sonhos das Plantas

Com o avanço da pesquisa oniropolítica, a ciência alcançou um novo marco: a decodificação dos sonhos vegetais. Através da interação com redes neurais bio-orgânicas, os pesquisadores conseguiram “ouvir” e interpretar as narrativas simbólicas provenientes das plantas. Esse desenvolvimento representa uma nova fronteira no entendimento das plantas como agentes conscientes, cujas percepções e sonhos podem nos guiar para práticas mais sustentáveis e profundas de manejo ambiental. A seguir, apresentamos os principais relatos oníricos decifrados das árvores, flores e plantas medicinais, cujas verdades ocultas revelam os laços entre a vida vegetal e os segredos do equilíbrio planetário.

#### I. O Sonho da Samaúma – Guardiã da Floresta

*Sou alta e antiga. Minhas raízes correm como rios, tocam as pedras profundas, as águas escuras. Sinto o peso dos ventos e o calor da terra. A floresta fala em sussurros e eu escuto. Pássaros e macacos escalam meus braços, mas eu não me movo. O tempo não me toca, mas eu o guardo. Meus filhos crescem ao redor, e neles guardo*

*as histórias do mundo. A chuva cai, a terra bebe, e em meus sonhos, as florestas se estendem para além do horizonte.*

O sonho da Samaúma, conhecida como a “Mãe das Árvores” na Amazônia, revela sua profunda conexão com o equilíbrio ecológico da floresta tropical. A árvore, com raízes que se estendem por quilômetros, compartilha nutrientes e informações com outras plantas ao seu redor, agindo como um ponto de comunicação central para o ecossistema. Essa interconexão revela um sistema de memórias ecológicas compartilhadas, onde a Samaúma armazena as narrativas e histórias da floresta. Inspirados por essa visão, foi criado o projeto “Raízes da Memória”, que explora como as árvores podem ser usadas para monitorar a saúde das florestas em grande escala. Redes de árvores antigas como a Samaúma estão sendo conectadas a sensores ambientais, permitindo a leitura de dados sobre a umidade do solo, poluição atmosférica e mudanças climáticas, preservando não só a floresta, mas também as histórias ecológicas que elas guardam.

## II. A Canção do Cipó – Sonho das Plantas Medicinais

*Eu me enrosco nas árvores, sou parte delas, mas também caminho por mim mesma. As folhas falam, as flores abrem, e eu sigo, subo e desço. Há algo que eu busco, mas ainda não encontrei. No sonho, eu sou água, sou folha, sou terra, sou cura. O mundo adoce, mas eu carrego a cura em minhas veias. O tempo me dá as respostas, e eu cresço até encontrá-las.*

Interpretação: O cipó, uma planta amplamente utilizada na medicina tradicional amazônica, expressa em seu sonho um caminho de cura que conecta a terra, as plantas e os humanos. Em seu crescimento sinuoso, o cipó parece buscar algo mais profundo – uma forma de equilíbrio ou reparação. Este sonho foi interpretado como um chamado para explorar o potencial das plantas medicinais no tratamento de doenças causadas pela degradação ambiental e pelos desequilíbrios causados pela atividade humana. Com base nessa interpretação, foi lançado o projeto “Caminhos de Cura”, que foca na criação de novas terapias baseadas em plantas medicinais, como o cipó, para enfrentar problemas de saúde emergentes relacionados à poluição, perda de biodiversidade e aquecimento global. O projeto também trabalha para integrar o conhecimento tradicional dos povos indígenas com a ciência moderna, preservando as práticas de cura antigas enquanto se adaptam às necessidades contemporâneas.

## III. O Chamado do Baobá – Guardiã das Estações

*Meus braços são longos, minhas raízes profundas. Eu carrego a chuva no meu corpo, mesmo quando o céu se esquece de nós. O deserto cresce ao meu redor, mas eu ainda estou aqui. O calor não me toca, o vento me acaricia. Meus filhos adormecem em meu tronco, mas eu os mantenho vivos. Em meus sonhos, o tempo corre devagar. Eu vejo os rios voltarem, as flores crescerem, e o verde retornar ao deserto.*

Interpretação: O baobá, uma árvore icônica das savanas africanas, revelou um sonho de resiliência e paciência diante de um clima extremo. Sua capacidade de armazenar grandes quantidades de água em seu tronco permite que ele sobreviva a longos períodos de seca, tornando-se um símbolo de resistência em ecossistemas áridos. O sonho do baobá fala da sabedoria das estações, da habilidade de esperar e de sobreviver, mesmo quando o ambiente parece inóspito. Com base nesse sonho, foi criado o projeto “Círculos do Baobá”, que busca combater a desertificação utilizando técnicas de manejo inspiradas nas propriedades do baobá. O projeto envolve o cultivo de plantas resilientes e o uso de práticas de irrigação natural, ajudando comunidades agrícolas em áreas afetadas por mudanças climáticas a se adaptarem e a restaurarem o verde em regiões secas.

## Therosonhos: 20 propostas para um futuro ancestral

As 20 propostas que seguem foram elaboradas a partir dos sonhos de diversas espécies, revelados por pesquisas oniróplicas e estudos interespecies. Esses sonhos oferecem percepções valiosas sobre a forma como o mundo natural percebe e antecipa as mudanças ambientais, propondo soluções inovadoras que alinham o conhecimento não-humano às necessidades da sustentabilidade global. Inspiradas pelos comportamentos, memórias e visões oníricas dessas espécies, as propostas sugerem novas direções para a regeneração ambiental, a cooperação interespecies e a criação de políticas públicas inclusivas, oferecendo caminhos alternativos para alcançar os ODS até 2030.

Proposta 1 - Rede de Monitoramento Onírico para a Prevenção de Desastres Naturais: Utilizar sonhos de animais como elefantes, que percebem mudanças nas águas subterrâneas, para detectar e prever secas e inundações, criando uma rede de monitoramento sensorial e onírico para prever desastres naturais. (ODS 13: Ação contra a Mudança Global do Clima)

### Proposta 2 - Corredores Ecológicos Oníricos

Inspirado pelos sonhos de grandes predadores como jaguares, que sonham com territórios intactos, propor a criação de novos corredores ecológicos que permitam a migração segura de espécies ameaçadas, preservando sua conectividade com o meio ambiente. (ODS 15: Vida Terrestre)

### Proposta 3 - Cinturões de Luz Marinha

Utilizar os padrões oníricos de bioluminescência das anêmonas e polvos para desenvolver redes de comunicação submarina baseadas em luzes, promovendo a proteção de ecossistemas marinhos profundos. (ODS 14: Vida na Água)

### Proposta 4 - Tecnologias de Água Inspiradas nos Sonhos de Anfíbios

Inspirado pelos sonhos de rãs que reencenam ciclos de chuva, criar tecnologias de coleta de água da umidade atmosférica em áreas áridas, replicando os mecanismos naturais desses animais. (ODS 6: Água Potável e Saneamento)

### Proposta 5 - Iniciativa “Sementes do Futuro”

Baseada nos sonhos das árvores Samaúma e Baobá sobre resiliência e regeneração, esta proposta visa criar bancos de sementes para preservar a biodiversidade e restaurar ecossistemas afetados pela desertificação e desmatamento. (ODS 15: Vida Terrestre; ODS 2: Fome Zero e Agricultura Sustentável)

### Proposta 6 - Flores ao Vento: Monitoramento de Qualidade do Ar

Utilizar as orquídeas e suas percepções oníricas atmosféricas para implementar sistemas de monitoramento de qualidade do ar em zonas montanhosas e urbanas, alertando sobre níveis perigosos de poluição. (ODS 3: Saúde e Bem-Estar; ODS 11: Cidades e Comunidades Sustentáveis)

### Proposta 7 - Cinturões Alimentares Sustentáveis

Inspirado pelos sonhos dos roedores sobre trajetórias de sobrevivência, criar áreas agrícolas com plantio intercalado que permitam a alimentação tanto de humanos quanto de outras espécies, restaurando a biodiversidade agrícola. (ODS 2: Fome Zero e Agricultura Sustentável)

### Proposta 8 - Redes de Polinização Onírica

A partir dos sonhos de abelhas e outros polinizadores, estabelecer áreas protegidas urbanas e rurais dedicadas exclusivamente à criação de habitats seguros para

polinizadores, visando garantir a segurança alimentar global. (ODS 12: Consumo e Produção Responsáveis)

#### Proposta 9 - Florestas Oníricas Reconfiguradas

Inspirado pelos sonhos dos pássaros sobre seus territórios aéreos, redesenhar áreas de reflorestamento de modo que contemplem não apenas a flora terrestre, mas a “infraestrutura aérea” necessária para o bem-estar das aves migratórias. (ODS 15: Vida Terrestre; ODS 11: Cidades e Comunidades Sustentáveis)

#### Proposta 10 - Cidades Inteligentes Sensíveis à Vida Selvagem

Inspiradas pelos sonhos de raposas e guaxinins que navegam pelos ambientes urbanos, desenvolver “cidades inteligentes” que integrem corredores de vida selvagem e soluções arquitetônicas para a coexistência pacífica entre humanos e fauna urbana. (ODS 11: Cidades e Comunidades Sustentáveis)

#### Proposta 11 - Política de Pesca Sustentável Inspirada nos Sonhos de Cetáceos

Baseado nas percepções oníricas dos golfinhos sobre ecossistemas marinhos saudáveis, estabelecer zonas de pesca sustentável e áreas de exclusão, permitindo a regeneração de cardumes e preservação dos mares. (ODS 14: Vida na Água)

#### Proposta 12 - Sistemas de Irrigação Baseados nos Sonhos de Tartarugas Marinhas

Inspirado pelos sonhos de tartarugas sobre rotas de desova, desenvolver sistemas de irrigação costeira que respeitem o ritmo natural das marés e promovam a regeneração de ecossistemas marinhos e terrestres em áreas costeiras. (ODS 14: Vida na Água; ODS 2: Fome Zero e Agricultura Sustentável)

#### Proposta 13 - Centros de Ensino Inspirados nos Sonhos das Árvores

Baseado nos sonhos de árvores sobre interconexão e compartilhamento de conhecimento, desenvolver redes de ensino ecológico que incorporem saberes tradicionais e ciência moderna, ensinando as futuras gerações a cuidar das florestas. (ODS 4: Educação de Qualidade)

#### Proposta 14 - Saúde e Bem-Estar através dos Sonhos dos Animais

Incorporar os sonhos de cães e gatos que revelam sensibilidade ao estado emocional dos humanos, criando programas de bem-estar mental e emocional que integram terapias assistidas por animais, especialmente em zonas urbanas e de conflito. (ODS 3: Saúde e Bem-Estar)

#### Proposta 15 - Resgate da Sabedoria Onírica das Plantas Medicinais

Baseado nos sonhos de plantas medicinais como o cipó amazônico, resgatar e preservar o conhecimento indígena sobre fitoterapias, promovendo sua integração com as práticas de medicina moderna e sustentável. (ODS 3: Saúde e Bem-Estar; ODS 10: Redução das Desigualdades)

#### Proposta 16 - Iniciativa de Reflorestamento Simbiótico

Inspirado pelos sonhos das micorrizas e fungos que criam redes subterrâneas de comunicação, desenvolver práticas de reflorestamento que considerem a saúde dos solos e o papel simbiótico de fungos na regeneração florestal. (ODS 15: Vida Terrestre)

#### Proposta 17 - Parques Aquáticos Regenerativos Inspirados em Sonhos de Peixes

Inspirados pelos sonhos de peixes que navegam por águas limpas, criar áreas de regeneração marinha e lagos artificiais com filtragem natural, projetados para restaurar ecossistemas aquáticos danificados. (ODS 6: Água Potável e Saneamento; ODS 14: Vida na Água)

#### Proposta 18 - Bibliotecas Genéticas Oníricas

Inspiradas pelos sonhos de insetos polinizadores e árvores frutíferas, criar bancos genéticos que preservem espécies vegetais e animais ameaçadas, resguardando sua herança genética para futuras gerações e para a sustentabilidade alimentar. (ODS 15: Vida Terrestre; ODS 2: Fome Zero e Agricultura Sustentável)

#### Proposta 19 - Governança Ambiental Inspirada nos Sonhos dos Corvos

A partir dos sonhos de corvos que revelam premonições sobre desequilíbrios ambientais, desenvolver sistemas de governança ambiental que monitorem e ajudem a mitigar crises ecológicas emergentes, baseados em redes de monitoramento natural e tecnológico. (ODS 16: Paz, Justiça e Instituições Eficazes; ODS 13: Ação contra a Mudança Global do Clima)

#### Proposta 20 - Tratados Internacionais para a Proteção dos Ecossistemas Subterrâneos

Inspirado pelos sonhos de minhocas e formigas que revelam a fragilidade das redes subterrâneas, propor tratados internacionais para a preservação de solos férteis e ecossistemas subterrâneos que sustentam a agricultura global. (ODS 15: Vida Terrestre; ODS 2: Fome Zero e Agricultura Sustentável)

### Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O Fogo e o Relato: ensaios Sobre Criação, Escrita, Arte e Livros*. São Paulo: Boitempo, 2018.

BERADT, Charlotte. *Sonhos no Terceiro Reich*. São Paulo: Três Estrelas, 2017.

BORGES, Fabiane Moraes. et al. Onicracia, Pandemia e Sonhos Ciborgues. *DasQuestões*, Vol.8, n.2, abril de 2021. p. 198 - 218. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/37654/29403>. Acesso em: 20 de outubro de 2023.

COCCIA, Emanuel. *A vida das plantas: uma metafísica da mistura*. Florianópolis: Editora Cultura e Barbárie, 2018.

DE DALDIS, Artemidoro. *Oneirokritika (séc. II d.C.) livros de análise de sonhos: livro V*. Organização: Anise de A. G. D'Orange. 1. ed. São Paulo : Cultura Acadêmica, 2014. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/7745>. Acesso em: 10 julho de 2024.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução: Suely Rolnik. Volume 4. São Paulo: Editora 34, 1997. 176 p.

DESPRET, Vinciane. *O que diriam os animais?* Tradução: Leticia Mei. São Paulo: Ubu Editora, 2021. 348 p.

DESPRET, Vinciane. *Autobiografia de um polvo e outras narrativas de antecipação*. Tradução: Milena P. Duchiate. 1 ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022. 160 p.

DUNKER, Christian. et al. *Sonhos confinados: O que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*. Autêntica Editora, 2021.

HARAWAY, Donna. *Ficar com o problema: fazer parentes no chthluceno*. Tradução: Ana Luíza Braga. São Paulo: n-1 edições, 2023.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

LAPOUJADE, David. *As existências mínimas*. Tradução: Hortencia Santos Lencastre. São Paulo: Editora n-1, 2017. 128 p.

LIMULJA, Hanna. *O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami*. São Paulo: Ubu Editora, 2022. 192 p.

*MaCuna*. Disponível em: [tps://archivedream.wordpress.com/machinic-unconscious-algorithm-macuna/](https://archivedream.wordpress.com/machinic-unconscious-algorithm-macuna/) Acesso em: 31 de julho de 2024.

NATHAN, Thobie. *La nueva interpretación de los sueños*. Tradução: Iván García Barbeitos. 1ª ed., Buenos Aires: Capital Intelectual, 2012.

*O Onírico II - a paranoia delirante*. Março de 2022, p 4 - 5. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/politicasdotexto/o-onirico/> Acesso em: 10 de agosto de 2024.

RESENDE, Leticia Guimarães. *A temporalidade narrada em sonhos: um estudo do jornal "O Onírico"*. 2023, 23 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG - Unidade Divinópolis).

RIBEIRO, Sidarta. *O Oráculo da Noite: A História e a Origem do Sonho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.